

NOSSOS MESTRES

Uma professora grandiosa

Gina Vieira Ponte de Albuquerque ganhou quase 20 prêmios ao longo de 10 anos graças ao trabalho desenvolvido na rede pública de ensino do DF

» MARIANA NIEDERAUER

As palavras têm poder transformador. Foi partindo dessa premissa que a professora Gina Vieira Ponte de Albuquerque idealizou e gestou o projeto Mulheres Inspiradoras, que completa 10 anos em 2024. Desde então, ela já foi premiada na Câmara Legislativa, na Câmara dos Deputados, no Senado e na Casa do Cantador. É reconhecida entre os pares e admirada por estudantes, aos quais ainda chama pelo nome. Apesar de aposentada desde 2022, não largou o chão da escola, e aproveita as oportunidades de disseminar o conhecimento. “Até hoje, quando entro em uma escola, sinto um frio na barriga”, conta.

Conheci Gina há quase 20 anos, no CEF 12 de Ceilândia, onde o projeto nasceu. Ela celebrava os dois primeiros prêmios da iniciativa, um deles concedido pelo Ministério da Educação. Os alunos, parte essencial do processo, a seguraram nos braços para a foto que estampou a página do jornal. A felicidade transbordava em seu sorriso. Os cabelos longos e cacheados, passavam por uma transição que ela havia começado meses antes, graças às descobertas feitas ao longo da pesquisa para o projeto.

“Eu mesma fui muito transformada pela experiência do projeto. Fortaleci e aprofundei a minha consciência racial e de gênero. Passei a compreender, em camadas muito mais profundas, como as desigualdades entre homens e mulheres, pessoas negras e pessoas brancas, atravessam as nossas trajetórias. Ampliei o meu repertório sobre histórias de mulheres, sobre obras literárias de autoria feminina e negra. Vejo a professora que eu era em 2014, há 10 anos, quando o projeto começou, e percebo o quanto eu mesma tive

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A obra de Carolina Maria de Jesus é uma das principais referências literárias do projeto

a chance de me transformar.”

Hoje, os cabelos exibem o rosto à forma de uma coroa, assim como descreve a poeta Cristiane Sobral na obra que mudou a vida de Gina. A professora havia chegado aos 42 anos de idade sem nunca ter encontrado um texto em que a identidade de pessoas negras fosse celebrada, e não vista de maneira negativa ou pejorativa. “Na obra de Cristiane Sobral, os nossos cabelos são representados como árvores frondosas, como coroas na cabeça de rainhas que já nascem coroadas.”

Legado duradouro

O legado dos pais, o cearense Moisés e a mineira Djanira, ela carrega com orgulho. Os dois chegaram a Brasília ainda na década de 1960 e se conheceram anos

mais tarde, na Vila do IAPI, onde nasceu a filha mais velha, Gisele, em 1970. Depois da transferência de toda a população para a recém-criada Ceilândia, veio Gina, em janeiro de 1972. Os outros quatro chegaram em seguida: Janne, Moisés, Matheus e Jannece. “Dois com a letra G. Dois com a letra M. Dois com a letra J. Invenções da dona Djanira”, diverte-se a professora.

“Quanto mais o tempo passa, mais eu sou grata aos meus pais. Eles tiveram tão pouco da vida, tão pouco, mas eles me deram tanto”, emociona-se Gina, lembrando como os dois se completavam numa parceria perfeita, e com um objetivo em comum. Ela, uma mulher negra no Brasil dos anos 1970, sabia que ter um homem branco ao seu lado consistia um fator importante de proteção para si e para os filhos. Ele, que havia sofrido um golpe logo

na chegada à nova capital por ser analfabeto, olhava com reverência para aquela mulher que dominava a leitura e a escrita.

“Eles somaram o que tinham de fragilidade e de potencialidade e definiram como um projeto de vida garantir que nós tivéssemos as oportunidades que foram negadas a eles”, conta Gina. A família viveu por anos em condição de extrema vulnerabilidade. A infância sem festas de aniversário, com roupas e calçados velhos e puídos, banho de água gelada e fome marcou a história da professora ceilandense, mas nunca se tornou motivo de mágoa. “Minha mãe fez de um jeito que isso não incutiu em nós um sentimento de derrota, de sofrimento e de menos valia. Ela tinha uma coerência discursiva que nos ajudava a entender: ‘A gente está colocando recurso, tempo e energia naquilo

que realmente interessa, que é o futuro de vocês.’”

Do quintal cheio de legumes, verduras e ervas, dona Djanira tirava parte da comida que seria servida à mesa. Em um dos momentos mais dramáticos da família, ela conseguiu transformar um único ovo de galinha a ser dividido para oito pessoas em banquete, acompanhado de folhas de assa-peixe à milanesa. “Não tínhamos dinheiro para fazer mais do que café da manhã, almoço e jantar. Então, naquele horário entre a tarde e a noite, que te dá uma fome absurda, não tinha o que comer. Eu corria no quintal, pegava alfavaca, lavava as folhas, colocava no bule, fervia, colocava açúcar e tomava. Aquilo acalmava a minha fome.”

Gina também era, além de tudo, uma menina muito curiosa, de ouvido atento para as histórias, principalmente as que a mãe contava, sobre violência, preconceito e superação. “Foram essas histórias que me nutriram para me dar a consciência de que eu não tinha vindo de um lugar pequeno. Eu tinha vindo de uma linhagem de pessoas muito fortes, muito corajosas. Aquilo me alimentava, me dava convicção e aterramento.”

Ao mesmo tempo que lutava pelo sustento dos filhos, o casal nunca deixava de mostrar a importância da educação. “Meu pai falava de escola como algo que me daria superpoderes”, conta Gina. O preço a pagar não foi baixo, custou vida e saúde, como observa a professora. “Não por acaso, os dois não estão mais aqui. Morreram muito jovens. Ele com pouco mais de 50 anos. Ela, com 66. Foi uma vida de muita luta e sacrifício.”

Sonho estilhaçado

Ainda durante a alfabetização, Gina viveu o paradoxo de ver a escola, o lugar que em seu